

“Bellum contra morbum”: metáforas bélicas na abordagem do HIV/aids nas narrativas de Isabel Vieira, Heloisa Schurmann e Guido Arosa

Ramon de Santana Borges de Amorim¹

Trarei sobre vós a espada, que executará a vingança do pacto, e vos aglomerareis nas vossas cidades; então enviarei a peste entre vós, e sereis entregues na mão do inimigo.

(BÍBLIA, Levítico, 26, 25).

Assim, unem-se os discursos das autoridades estatais, econômicas e médicas em torno da montagem de uma guerra. O vírus enquanto metáfora de guerra, ou a guerra em si proposta contra o vírus... que não propôs guerra a ninguém.

(KILL, 2021, p. 61)

Encarar as doenças como inimigos contra os quais uma guerra deve ser declarada parece ser um comportamento ancestral, tão antigo quanto o próprio mal que se supõe necessitar de combate. Ao longo do tempo, tem sido uma constante quando a humanidade se depara com qualquer emergência sanitária que exige, no mínimo, atenção. Nesse contexto, a doença, seja ela ocasionada por vírus, bactérias ou qualquer outro agente patológico, é muitas vezes personificada como uma entidade com vontades próprias, preferências e até mesmo algum senso de moral.

Quando a doença não é vista como o próprio inimigo, ela é frequentemente percebida como algo que vem de fora. A concepção de que a peste - a principal metáfora associada às crises sanitárias emergentes - provém de territórios distantes, considerados socialmente atrasados em relação aos padrões culturais dos colonizadores, persiste historicamente. Nessa perspectiva, o sujeito rotulado como “o outro” é frequentemente responsabilizado por introduzir a enfermidade no território considerado superior, sob a ótica da centralização do poder.

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura e Cultura, da Universidade Federal da Bahia. Orientando da Prof.^a Dr.^a Luciene Azevedo. Bolsista CAPES.

Ao analisar documentos relacionados à *Peste de Marselha*, Antonin Artaud (2006) chama a atenção para o conflito que surgiu quando a chegada iminente de um navio à costa da cidade, supostamente trazendo consigo o flagelo que desencadeou um surto epidêmico local. Artaud destaca como a tentativa de conter a propagação da doença acabou por se transformar em uma ameaça de afundar o navio com tiros de canhão. Ele interpreta esse episódio como uma espécie de “guerra contra a peste”, na qual a ameaça do uso de armamento bélico se tornou presente.

Da ação ocorrida no episódio à metaforização do conflito, observa-se uma mudança substancial. Enquanto no século XVIII a abordagem predominante para enfrentar a epidemia em curso, ou sua ameaça, envolvia conflitos bélicos reais, durante o surgimento do HIV e da AIDS (e nos anos subsequentes a essa crise de saúde pública), a utilização de metáforas relacionadas à guerra se destacou como uma das principais maneiras de abordar a questão.

A abordagem que envolve o vírus e a doença tem sido uma constante em diversos contextos e meios, como campanhas de prevenção e conscientização, mídia e literatura. Esses meios frequentemente recorrem a imagens e vocabulário que evocam uma luta contra um inimigo invisível, sempre à espreita. Aparentemente, essa forma de referir-se ao HIV e à AIDS adaptou-se à evidente paranoia gerada pelo medo de uma doença desconhecida que emergiu na forma de uma epidemia.

Susan Sontag, em seu trabalho *AIDS e suas Metáforas* (1989), destaca que a consolidação do uso de metáforas de guerra relacionadas ao gerenciamento de doenças em curso, especialmente em campanhas de conscientização, teve origem na história moderna com ações voltadas para informar sobre a sífilis e, posteriormente, a tuberculose no início do século XX. Não podemos deixar de considerar que nesse contexto surgia um imaginário coletivo influenciado pelos eventos que desencadearam dois dos maiores conflitos armados da humanidade naquela época.

Para a intelectual, essas metáforas “rotineiramente apresentam a doença como algo que invade a sociedade” (Sontag, 1989, p. 14) e, as tentativas de reduzir seus impactos na população, incluindo aí a mortalidade, acabam sendo chamadas de lutas e guerras. A batalha contra esse “outro”, esse “invasor”, porém tende a criar estigmas em relação a determinadas doenças e transformar o paciente em culpado, mesmo parcialmente, pelo mal que lhe aflige.

Em relação ao HIV e à aids, parece que essas duas últimas características foram elevadas a níveis talvez nunca vistos anteriormente. O estigma e a culpabilização das pessoas infectadas pelo vírus têm sido, desde a emergência da epidemia, uma questão sensível e que atinge ainda grande contingente de pessoas vivendo com o vírus e a doença. Talvez por isso,

entre outras coisas, as metáforas bélicas ainda são tão presentes na abordagem do tema, seja nas campanhas de conscientização, nos discursos midiáticos ou na produção literária. Afinal, “o que devia e o que deve ser tratado como uma crise de saúde pública se transformou em uma ameaça sem precedentes na história” (Sáez; Carrascosa, 2016, p. 145).

A literatura, principalmente, tem sido um campo de observação privilegiado do uso dessas metáforas para a abordagem das questões relacionadas à epidemia de HIV e aids. A presença de vocabulário que remete ao conflito armado e construções de ideias que aludem à guerra têm sido vistas em muitas produções literárias, dos textos mais antigos, aos mais recentes.

Entre as narrativas que apresentam metáforas em que a abordagem da temática do vírus e da doença esbarram na construção de um vocabulário de guerra ou em imagens que remetam ao conflito bélico, escolheu-se neste trabalho os livros *Amarga herança de Leo* (1999), de Isabel Vieira; *Pequeno segredo: um amor maior que a vida* (2016)², de Heloisa Schurmann; e *O complexo melancólico* (2019), de Guido Arosa.

Essas obras são representativas para a temática em análise, estando separadas por um período de tempo significativo, o que as insere em diferentes contextos de produção. Além disso, cada uma delas difere da outra em relação à composição dos personagens e ao enfoque narrativo, proporcionando um panorama rico de perspectivas de leitura.

No caso da narrativa de Isabel Vieira, identifica-se uma intenção subjacente de servir como instrumento de conscientização para seu público, especificamente, aqueles “que ainda podem escolher entre entrar ou não na loteria às avessas” (Vieira, 1999, p. 5). É importante ressaltar que o romance se destina ao público juvenil, o que orienta a abordagem centrada nesse grupo. Os personagens principais pertencem à faixa etária dos adolescentes e jovens adultos, com dilemas relacionados a namoro, faculdade, aceitação, início da vida sexual e outros aspectos predominando na narrativa. O HIV surge nesse contexto como uma consequência de escolhas inadequadas relacionadas ao uso de drogas e à prática sexual desprotegida.

As metáforas bélicas surgem na narrativa desde o primeiro capítulo, uma espécie de prefácio em que a narradora busca explicar, de forma lúdica (e por vezes, didática), como o vírus se comporta no organismo humano. Já aí há uma referência ao comportamento tático, comum em conflitos, de se camuflar para penetrar em um espaço até então indisponível. Talvez o mais famoso ardil deste tipo tenha sido contado na célebre epopeia *Iliada*, atribuída a Homero. No romance de Isabel Vieira, o vírus se utiliza desta estratégia para, “camuflado

² A primeira edição da narrativa foi lançada em 2012.

nos fluidos do amor”, tomar “como refém” o “comandante do nosso exército de proteção contra invasores” (Vieira, 1999, p. 9).

Em momento posterior, as referências à guerra surgem como metáfora para construir uma noção do que seria a aids, “Algo como o estado vulnerável de um exército que sofre baixas e se torna incapaz de rechaçar os inimigos mais tolos” (Vieira, 1999, p. 125), assim como para explicar o funcionamento da medicação, “três poderosas drogas combinadas, capazes de retardar a marcha do inimigo” (Vieira, 1999, p. 126).

Esse tipo de abordagem, de certa forma, remete a uma das ideias sobre a peste indicada por Artaud (2006, p. 12). Para ele, uma das formas de encarar uma emergência sanitária é acreditando que ela seria “um instrumento direto ou a materialização de uma força inteligente”. A essa força, Isabel Vieira dá o nome de *Pandemo*, como se o vírus fosse um ser mais complexo e sofisticado do que um organismo acelular. Esse ser teria então vontades e desejos e declararia guerra à humanidade, usando para isso todo tipo de ardil e toda sorte de estratégia para vencer essa batalha.

O vírus é tomado como um elemento que extrapola o campo biológico, a ele é atribuído, pelos discursos, um conjunto de sentidos à revelia dos seus limites. Cabe dizer que o HIV é “um ser que não é movido por outro propósito que não seja o de persistir” (Bastos, 2006, p. 15). Portanto, não haveria como esse organismo tão diminuto declarar guerra contra quem quer que fosse. Pelo contrário, é a humanidade que tem feito dele inimigo declarado, assim como das pessoas que o carregam, principalmente quando essas ocupam posições de pouco prestígio social e/ou fazem parte de grupos minorizados em relação aos seus direitos básicos.

Considerando a narrativa de Heloisa Schurmann, as metáforas bélicas aparecem, sobretudo, dentro de uma imagem que vê a infecção por HIV como uma sentença de morte. As referências à guerra estão amparadas na ideia de um conflito perdido, de um combate em que se sabe que, mais cedo ou mais tarde, a morte será o resultado inevitável. Assim, *Pequeno segredo* (2016) oscila entre os poucos momentos de esperança quanto aos avanços no tratamento do HIV/aids e a certeza incontornável, para a narradora, do final dessa disputa e seu desfecho inexorável.

Esses elementos podem ser vistos desde o momento em que a narrativa acompanha a reação de Robert, pai da protagonista, ao descobrir a infecção pelo HIV nos três integrantes da família: “Foi uma sentença de morte. Senti-me como se minha mulher, minha filha e eu estivéssemos com uma arma apontada para nossas cabeças” (Schurmann, 2016, p. 47). No trecho em destaque, a confirmação do diagnóstico positivo para HIV/aids é comparada à constante ameaça de um objeto letal.

Uma imagem similar aparece também na afirmação de que o tratamento para a infecção era “uma luta que não teria um vencedor” (Schurmann, 2016, p. 71). Isso reflete a falta de efetividade dos medicamentos utilizados até então, tanto por ser um período ainda sem os avanços nas terapias antirretrovirais que se vivencia hoje, quanto pelo diagnóstico tardio recebido pela família.

Diante desse contexto, “lutar” ou “resistir” se mostra como esforço vão. Talvez isso explique a escolha de Robert pela entrega da tutela da filha para a família Schurmann. Na certeza de não sobreviver à infecção, ele abriu mão dos direitos como pai para que a criança fosse cuidada por uma família que tinha a simpatia dele, afinal ele “estava morrendo, condenado por um vírus” (Schurmann, 2016, p. 117).

Entre as três obras aqui analisadas, a que mais se diferencia das abordagens sobre a questão do HIV e da aids é o romance de Guido Arosa. Lançado em 2019, a narrativa tem uma estrutura fragmentada em que diversos gêneros estão presentes. Parte do livro é escrito em forma de diário, o que tensiona a questão sobre o personagem que registra seu dia a dia. Seria ele o próprio autor ou uma criação ficcional deste? Mais importante que isso é ter em mente que é justamente neste *entrelugar* que o *jogo* proposto por esse tipo de produção se coloca.

Além do diário, que ocupa quase metade das páginas do livro, há uma narrativa de estrutura mais tradicional que predomina no romance de Arosa. Intitulada *O celeiro*, ela tem como protagonista um homem gay que vive em um lugar que experimenta uma espécie de estado de exceção. Em meio a isso, esse sujeito é abandonado pela família e preso, aparentemente, por sua orientação sexual.

O que emerge da narrativa é uma espécie de criminalização da homossexualidade, perpetrada pelos poderes constituídos. Uma espécie de declaração de guerra contra os sujeitos que escapam aos modelos normativos impostos pela sociedade e, nesse caso, pelo Estado. Assim, o próprio protagonista do trecho indica uma consciência da perseguição que sofre e dos perigos que o espreitam:

Comecei a andar pela estrada, pensando que a guerra poderia chegar logo e, quem sabe, serei um dos primeiros a morrer. Sempre sei que serei o primeiro a morrer, porque é evidente que o tiro chega antes aos invertidos. [...] A guerra ainda não veio, mas ela há de vir e hei de ser atingido, e diante do pelotão de fuzilamento serei o primeiro a morrer, morrer, morrer, morrer, morrer: onde poderão me enterrar? (Arosa, 2019, p. 74).

A própria construção de um território que atravessa um período de totalitarismo em que as principais vítimas são sujeitos homossexuais já pode ser visto, por si só, como um conjunto de metáforas que remetem à perseguição histórica pela qual esses sujeitos têm passado. Ao considerar o período de emergência da epidemia de HIV/aids, é possível vislumbrar como a narrativa remete também a uma espécie de guerra discursiva travada entre diversas instituições e aqueles culpabilizados pelo surgimento e disseminação do vírus e da doença.

A doença presente no romance de Arosa não se apresenta como inimiga preferencial ou problema mais urgente. Ela surge como mais um elemento de um contexto em que a perseguição aos sujeitos homossexuais está em curso. Mesmo sendo apenas um dos perigos que cercam esses sujeitos, a doença ainda é retratada como sentença de morte, porém ao lado de outras ameaças até mais poderosas:

A guerra começou, tenho certeza de que a guerra começou. O meu exército é fraco, fraquíssimo: pois estamos calados [...]. Disseram-nos: ‘Vocês são homossexuais e, por isso, são imorais e não podem continuar vivendo como tal – pois serão mortos pela doença, serão mortos pelo Estado, serão mortos pela família, serão mortos por Deus’ (Arosa, 2019, p. 97).

É possível ainda observar na narrativa de Arosa que a prática homossexual condensa uma dupla possibilidade de risco. Quando o personagem, em referência a um evento oriundo da 2ª Guerra Mundial, diz “O meu gozo, que dura poucos segundos, causa uma verdadeira Hiroshima, que horror” (Arosa, 2019, p. 96), ele evoca uma imagem socialmente construída que vê o sexo entre homens como algo demasiadamente arriscado. Há aí o temor da infecção, o que busca fundamentar a perseguição e a vigilância dessas práticas consideradas imorais, abjetas e pecaminosas por diversos seguimentos da cultura judaico-cristã. Por outro lado, a prática sexual entre homens justifica, no contexto de exceção em que se desenvolve o trecho aqui analisado, a perseguição do Estado contra esses sujeitos. Esse gozo transforma o indivíduo em inimigo e alvo preferencial da violência justificada pela guerra.

Susan Sontag (1989, p. 15) afirma que “a guerra é definida como uma emergência na qual nenhum sacrifício é considerado excessivo”. Dessa forma, perseguir sujeitos pertencentes a grupos historicamente marginalizados, cometer atos de violência, expropriar, cometer genocídio, por exemplo, são passíveis de anistia. Essas ações são muitas vezes vistas, inclusive, como sacrifícios para um bem maior.

Na guerra contra a aids, os atos de violência, as falhas éticas, a perseguição aos sujeitos homossexuais (independente da sua condição sorológica), assim como outros comportamentos, foram (muitos ainda são) justificados por uma suposta proteção da

sociedade sã, das famílias e das “vítimas inocentes” na doença. Dessa forma, não é de se estranhar a recorrente construção de um cenário de guerra para a epidemia, amparado principalmente em um recrudescimento da violência histórica que setores da sociedade haviam dissimulado por algum tempo.

A pulsão homicida foi um valor implicado na literatura da AIDS/HIV, apoiado com os discursos bélicos que, fora do mundo da ficção – imprensa, ciência, saúde, política e sociedade –, construíam um cenário militar para a epidemia cujas armas apontavam e ainda apontam para um único alvo: o corpo gay (Faria, 2020, p. 45).

Essa lógica da justificativa do excesso em nome do bem maior, no caso da epidemia de HIV/aids e da sua representação nas narrativas, parece somente aplicada aos sujeitos que ocupam espaços considerados à margem. Se, naqueles dotados de privilégios sociais diversos, a batalha sempre se restringe ao vírus e à doença, nos expropriados de direitos, o conflito quase sempre se desloca para seus corpos. O desejo pela violência física e até pela morte parecem utilizar o vírus apenas como pretexto para a guerra declarada contra aqueles historicamente marginalizados, principalmente, os homossexuais.

Assim, é preciso chamar a atenção para a “repatologização das sexualidades dissidentes”, movimento que emergiu junto à epidemia, já que utilizou essa última como justificativa para, novamente, categorizar como patologia as sexualidades que escapam aos padrões heteronormativos. Para Larissa Pelúcio e Richard Miskolci (2009, p. 127), essa dinâmica que emerge durante a crise de saúde pública ocasionada pelo HIV/aids “permitiu o reforço da norma heterossexual que servira como modelo para patologizar as sexualidades dissidentes desde fins do século XIX”.

O desdobramento desse movimento está na “eleição do homoerotismo como grande ameaça, de forma que – por meio de sua associação com um vírus mortal – assistimos à criação do maior pânico sexual da história contemporânea” (Pelúcio; Miskolci, 2009, p. 131). Isso, portanto, explica o motivo pelo qual as formas de lidar, tanto na representação literária quanto fora dela, com a questão do HIV e da aids são tão diferentes a depender de quem seja atingido.

Como visto, com os sujeitos heterossexuais, representados aqui nas narrativas de Isabel Vieira e de Heloisa Schurmann, a forma de lidar com a questão está focada numa espécie de batalha contra o HIV e a aids, porém sem qualquer excesso em nome desse combate. A violência física não tem esses corpos como alvo e como inimigo nesta guerra instaurada. O limite do ataque é quase sempre a doença e/ou o vírus, sua sexualidade não tem o mesmo

nível de vigilância que as práticas dos sujeitos homossexuais. Além disso, dentro de uma lógica que divide as pessoas soropositivas em vítimas e culpados pela sua condição, eles são associados com os primeiros.

Já em relação aos sujeitos homossexuais, o que se vê é a construção de um imaginário em que eles são taxados como culpados pela infecção por HIV (a sua e todas as outras), o que confere a eles o posto de inimigos sociais por excelência. A epidemia é vista, em muitos casos, como punição ao comportamento sexual considerado pela norma heterossexual como desviante. Diante de tudo isso, justifica-se uma guerra em que o combate ao vírus parece secundário, pois os corpos desses sujeitos parecem ser os alvos preferenciais do ataque. Sua sexualidade é vigiada e considerada patológica, o que a aproxima da aids, e assim as duas coisas vão se tornando apenas uma.

Por fim, o que se observa é a existência de uma corrente que normaliza as formas de violência em nome de um bem maior, colocando-se, inclusive, a serviço dessa lógica que persegue aqueles que são historicamente marginalizados. Por outro lado, há também as produções em que essa lógica é apontada, destacada como forma de discutir essa faceta que emergiu junto à crise da aids.

Mais do que buscar fazer um levantamento do vocabulário dos termos que remetem à guerra ou das imagens bélicas de forma estáticas, optou-se por problematizar a forma pela qual essas referências estavam presentes nas produções citadas. Longe de concluir essa análise, ocasionando na tentativa vã do seu esvaziamento, é preciso pontuar que ainda há muito o que se discutir em relação às questões pertinentes ao HIV e à aids e à forma como o vírus e a doença têm aparecido nas produções narrativas e no imaginário coletivo.

REFERÊNCIAS

- ALBERTI, C. **Discursividades víricas**: hacia una genealogía sobre los posicionamientos teóricos políticos suscitados por el VIH/SIDS. Rosario: Editora de la Universidad Nacional de Rosario, 2020.
- AROSA, G. **O complexo melancólico**. Rio de Janeiro: Garamond, 2019.
- ARTAUD, A. O Teatro e a peste. In: ARTAUD, A. **O Teatro e seu duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006. p. 9-29.
- BASTOS, F. I. **Aids na terceira década**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2006.
- BASTOS, F. I. Da persistência das metáforas: estigma e discriminação & HIV/Aids. In: MONTEIRO, S.; VILLELA, W. (org.). **Estigma e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2013. p. 91-103.
- FARIA, M. F. A língua é o vírus: HIV e AIDS na literatura brasileira pós-coquetel. In: DIAS, J. C.; FIGUEIRA-CARDOSO, S. (org.). **Vozes nas margens**: estudo de língua e cultura sobre temas marginais dos países de língua portuguesa. Varsóvia: Instituto de Estudos Ibéricos e Ibero-americanos da Universidade de Varsóvia, 2020. p. 43-60.
- FONSECA, L. N. Corpo, guerra e metáforas: o HIV/aids no poema “rima discordante”, de Kako Arancibia. In: SOUZA, A. S.; BORGES, I. M.; OLIVEIRA, L. V. P. (org.). **Textualidades literárias em diálogo**. Caxias: EdUEMA, 2022. p. 149-160.
- KILL, M. Por um vírus bicha. In: NAVARRO, P. P. (org.). **Margens da pandemia**: Queerentenas viadas, boycetas, sapatrans, faveladas. Salvador: Editora Devires, 2021. p. 60-65.
- PELÚCIO, L.; MISKOLCI, R. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 125-157, 2009.
- SÁEZ, J.; CARRASCOSA, S. **Pelo cu**: políticas anais. Tradução: Rafael Leopoldo. Belo Horizonte: Letramento, 2016.
- SCHURMANN, H. **Pequeno segredo**: um amor maior que a vida. Rio de Janeiro: Harper-Collins, 2016.
- SONTAG, S. **AIDS e suas metáforas**. Tradução: Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das letras, 1989.
- VIEIRA, I. **Amarga herança de Leo**. São Paulo: FTD, 1999.